

CAFÉ COM AFETO*Cristina Lens Bastos de Vargas*

Turma de 8ª série, *sujeitos praticantes* de uma unidade de ensino pública municipal, que encantam e desencantam, que nos permitem ora amá-los, ora odiá-los. Mas, com toda essa contradição, me despertaram a conversar com eles, a tentar entendê-los e permitir que me dessem pistas de seus desejos, de seus afetos e desafetos.

Para esses alunos e alunas não há rotina, como diz Certeau [\(1\)](#), “o cotidiano é uma invenção permanente”, e nesses espaçotempos, eles criam e se inventam a cada dia. Criam formas de convivência, que nem sempre agradam a outros *sujeitos praticantes*, mas que, a seu modo, são capazes de contagiar os que fazem parte desse cotidiano.

Partilhei com eles alguns momentos distintos: aulas, festas da escola, desfile de moda, festa na sala de aula, recreio, entrada fora do horário determinado, passeios, passeatas, palestras e formatura. Foram momentos bastante significativos. Eu não estava ali, ainda, como pesquisadora, mas como pedagoga da Secretaria de Educação. Vivenciei vários momentos através de visitas pedagógicas, tentava não perder nenhum detalhe, uma vez que meu tempo com eles era limitado. Ouvi

muitos relatos dos alunos e dos professores, alguns me chamaram mais atenção, outros menos. Um dos momentos que me marcou bastante, e no qual vou me deter, foi a entrada da professora de língua portuguesa, iniciante na carreira do magistério, momento que me inquietou bastante.



Essa professora, ao chegar à escola, foi submetida a uma série de informações que poderiam ser evitadas: “turma agitada”, “sem controle”, “sem regras”. Assumi a turma e, conforme o previsto, não conseguiu dar aulas, nem tampouco controlar a turma. Porém, o imprevisto aconteceu, ela reinventou o *espaçotempo*, criando o “café com afeto”. Consistia em preparar um momento especial para iniciar suas aulas de português, receber e ser recebida pelos alunos. Tudo foi pensado com muito carinho. Participei desse primeiro café com afeto quando, em um primeiro momento, todos lanchavam, conversavam amenidades, riam, brincavam e depois estudavam. Encantou-me a forma como ela conseguiu conquistar os alunos, com tão pouco tempo de experiência no magistério, mas ela tinha o que muitos já perderam, o encanto pela educação.

Esses sujeitos praticantes conseguiram transformar o lugar controlado em um *lugar praticado*, levando-me a refletir sobre essas redes de *saberesfazeres* tecidas no cotidiano escolar. Eu me surpreendia a cada dia. Os alunos se tornaram mais calmos, mais centrados; eu percebia que eles passaram a sentir prazer em estar na escola. Lembro o dia em que fizeram uma festa de aniversário para a professora. Quanto entusiasmo, quanta afecção, quanto cuidado para que tudo saísse perfeito e sem que

ela soubesse, pois a festa era surpresa. A professora conseguiu o que outros nem haviam tentado: resgatar o gosto dos alunos pela escola, bem com o gosto dos professores em entrar nesta sala. Passaram a ser mais participativos, no que se refere ao currículo escolar. Acredito que muitos mudaram suas expectativas em relação à escola.

Finalizo com uma citação de Oliveira (2), quando ela diz que “nos cotidianos das escolas, onde os sujeitos tecem suas redes de fazeres, onde vivem, agem, sentem, sofrem, amam, os seus ‘praticantes ordinários’ só existem quando cessa a busca da visibilidade ‘panóptica’ de uma escola abstrata, vista do ‘alto’”.

(1)Citado em JOSGRILBERG, Fábio B. Cotidiano e invenção – os espaços de Michel de Certeau. São Paulo: Escrituras, 2005.

(2)OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Ciração curricular, autormação e formação continuada no cotidiano escolar. In. FERRAÇO, Carlos Eduardo. Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo. São Paulo: Cortez, 2008.

.....

√ Cristina Lens Bastos de Vargas: Professora da rede pública municipal de Cachoeiro de Itapemirim-ES, Mestranda do PPGE-UFES.